

François Froger e as religiões da Senegâmbia (1695)

Froger, François. Relation d'un voyage fait en 1695, 1696 & 1697 aux côtes d'Afrique, détroit de Magellan, Brezil, Cayenne & Isles Antilles, par une escadre des vaisseaux du roi, commandée par M. De Gennes. Paris: Chez Michel Brunet, dans la grande Salle du Palais, au Mercure galant, 1698.¹³⁷

Daniel Precioso

Doutor em História

Universidade Federal Fluminense (UFF)

daniel.precioso@ueg.br

Recebido: 07/01/2025

Aprovado: 25/02/2025

Apresentação

François Froger (1676-1715) foi um engenheiro-hidrógrafo e explorador francês, que se alistou na marinha e navegou por muitos países. Com apenas 19 anos de idade, o jovem explorador embarcou como engenheiro voluntário na esquadra de Jean-Baptiste de Gennes rumo à costa leste da América do Sul (MARTÍNEZ, 2022, p. 763). O objetivo da expedição era chegar à costa do Peru, mas ventos desfavoráveis impediram o cruzamento do Estreito de Magalhães. Froger redigiu relatos para a sua instrução particular, os quais acabaram se tornando os registros oficiais da viagem. Estes relatos foram publicados em francês no ano de 1698 sob o longo título: *Relation d'un voyage fait en 1695, 1696 & 1697 aux côtes d'Afrique, détroit de Magellan, Brezil, Cayenne & Isles Antilles, par une escadre des vaisseaux du roi*,

¹³⁷ Tradução parcial e abreviada: selecionamos apenas os relatos sobre a religião na Senegâmbia, que constam no item 4 do livro de François Froger, páginas 17-20 e 44-46.

commandée par M. De Gennes. Um ano depois, a obra ganhou uma tradução inglesa, o que atesta a importância dos relatos de Froger (PAREDES, 2013, p. 105).

Os principais motivos da viagem da esquadra de Froger foram comerciais e políticos (PRITCHARD, 2002, p. 56; COTTIAS; CUNIN; MENDES, 2010, p. 55-56). Entre 1695 e 1697, França e Espanha estavam em guerra¹³⁸ e, segundo Froger, os espanhóis só conseguiam enfrentar os franceses graças às riquezas da Nova Espanha e Peru; conseqüentemente, se os franceses tivessem acesso às mercadorias americanas poderiam derrotar mais facilmente seus opositores (PRITCHARD, 2002, p. 46). Conhecedor da literatura de viagem, embora não referencie suas fontes (MARTÍNEZ, 2022, p. 765), Froger observou tudo o que julgava digno da atenção de um explorador, descrevendo povos, animais e vegetações e confeccionando rico material iconográfico, que inclui mapas, plantas e desenhos (PAREDES, 2013, p. 106; MARTÍNEZ, 2022, p. 763-764).¹³⁹

Em sua obra, Froger descreve as batalhas, as doenças, o tráfico de escravos, a fauna, a flora e, o que nos interessa, os costumes dos povos das colônias visitadas. A comitiva naval de Froger partiu do porto francês de La Rochelle em junho de 1695 e, no início de julho do mesmo ano, aportou nas proximidades da ilha de Gorée, perto de Dakar (Senegal). No final do mesmo mês, Froger chegou ao rio Gâmbia. Ainda na África Ocidental, a comitiva que levava o viajante aportou em Cabo Verde para se reabastecer antes de cruzar o Atlântico (MARTÍNEZ, 2022, p. 768).¹⁴⁰ As descrições das religiões africanas contidas na tradução a seguir consistem em um apanhado dos relatos feitos por Froger dos costumes dos povos com os quais travou contato nas regiões acima mencionadas.

No item 4 do seu livro, sobre a ilha de Gorée (a oeste de Dakar) até o sul do Senegal, o viajante se refere aos marabus, sacerdotes muito influentes tidos pelos povos locais como santos intercessores. Os relatos de Froger nos dão conta da plurissecular islamização destes sumos sacerdotes em fins do século XVII: como apontou o viajante, os marabus observavam as cinco rezas diárias à Allah e lavavam-se sempre antes das orações, além de só se comunicarem em árabe. Froger também observa que eles praticavam a poligamia e que durante as guerras permaneciam nas cidades com as mulheres orando pelo êxito das tropas do rei (FROGER, 1698, p. 17).

¹³⁸ Trata-se da Guerra dos Nove Anos (1688-1697). Para a contextualização da esquadra de De Gennes em meio à essa guerra, Cf. PRITCHARD, 2002, p. 45-59 e MARTÍNEZ, 2022, p. 768-772.

¹³⁹ A bordo do navio *The English Falcon*, Froger pôde colocar em prática as lições que aprendeu de desenho, matemática e história das viagens.

¹⁴⁰ Em outubro, os navios da comitiva de Froger partiram para o Brasil, chegando no Rio de Janeiro no final de outubro. Após visitarem o Brasil, zarparam rumo ao Caribe em 1696, concluindo o périplo em Martinica em janeiro de 1697, quando a comitiva retornou à França.

Como apontou o historiador senegalês Boubacar Barry (2010, p. 314):

O intenso tráfico e seu corolário, a caça de cativos, deu origem a profundas crises econômicas, políticas e sociais. O tráfico negreiro engendrou assim a violência nas relações entre Estados, a militarização do poder e, também, o progresso do Islã militante. Sendo assim, desde o fim do século XVII, a Senegâmbia¹⁴¹ foi o palco de um amplo movimento ligado aos marabus, que procurava unificar os Estados do vale do rio Senegal contra os nocivos efeitos do tráfico negreiro de além-mar.

Froger ressaltou – ainda que preconceituosamente, usando a expressão “seita corrupta de Maomé” (FROGER, 1698, p. 18) – que o Islã praticado pelos marabus não era ortodoxo, mas permeado de elementos da religiosidade local – a qual, como veremos, ele se recusava a dar o título de “religião”. De fato, partidários marroquinos da pureza islâmica rejeitavam o “marabutismo, ou seja, o culto dos santos e o fato de pedir-lhes que intercedam junto a Deus em favor dos homens” (EL FASI, 2010, p. 276). Seja como for, o relato superficial e etnocêntrico de Froger aponta para o papel destacado dos marabus como sacerdotes propiciadores de vitórias nas guerras da realeza da Senegâmbia de fins do século XVII, quando o tráfico de escravos já estava propagado na região e especialmente tensionado pela presença de comerciantes portugueses, franceses, holandeses e ingleses¹⁴² – não obstante, a partir de 1664, a Companhia das Índias Ocidentais tenha concedido aos franceses o monopólio comercial na Alta Guiné e, logo, na Senegâmbia, isto é, da Ilha de Gorée até o rio Senegal. Não à toa, por conseguinte, os relatos de Froger abarcam justamente estas regiões (HALL, 1995, p. 34).

Ainda sobre o Islã senegalês seiscentista, Froger menciona o hábito de circuncisar os filhos na puberdade (FROGER, 1698, p. 18-19), como também o de guardar as segundas-feiras – dia considerado santo, no qual estava proibido o trabalho e só se fazia uma única refeição (FROGER, 1698, p. 19). O jovem explorador francês também mencionou os festivais do Tabaské, que tinham lugar no mês de julho, consistindo este evento na principal festividade do Islã local. Nesta ocasião, todos se abstinham de sexo e, no auge do ritual, se reuniam em uma planície para orar e se reconciliar

¹⁴¹ “Para os franceses, geograficamente, a Senegâmbia compreendia a região entre os rios Senegal e Gâmbia. É considerada uma área de cultura homogênea e histórias em comum pelos estudiosos. Há quatro principais línguas faladas: Serere, Wolof, Peul e Malinke, esta última era uma língua mutuamente inteligível e falada pelos mandês do Leste. Estes povos viveram como vizinhos por centenas de anos e houve um intercâmbio fixo de pessoas entre eles. Os grandes impérios de Gana, Mali e Songai foram fundados nesta região” (HALL, 1995, p. 29 apud SANTOS, 2008, p. 92).

¹⁴² “A partir do século XVII, o monopólio português foi abalado pela chegada sucessiva dos holandeses, dos ingleses e dos franceses. Essas novas potências europeias instalaram-se na costa da África, iniciando a grande aventura do cercamento da África. As potências europeias engajaram-se assim em uma competição voraz e por isso conseguiram se impor na Senegâmbia, ao criar zonas de influências protegidas com zelo por feitorias fortificadas estabelecidas ao longo do litoral, em Arguin, Saint-Louis, Gorée, no forte Saint James, em Cacheu e Bissau” (BARRY, 2010, p. 320).

com os inimigos. Realizava-se um sacrifício animal (cabra, bezerro ou outro quadrúpede), que o marabu oferecia à Maomé, seguido de um banquete – que Froger comparou à “Páscoa da antiga lei”¹⁴³ (FROGER, 1698, p. 19).

Fora deste Islã – que Froger considerava “corrupto” (FROGER, 1698, p. 18) – não haveria, para o explorador francês, outra religião no Senegal. Logo, os senegaleses eram, para ele, em sua maioria irreligiosos, vivendo em florestas das esmolas dadas pelos transeuntes (FROGER, 1698, p. 18). Como observou a historiadora Gwedolyn Midlo Hall (1995), os europeus consideravam os povos da Senegâmbia (jalofos, bambaras, fulas etc.) “idólatras”, especialmente quando eles não seguiam o islamismo. Os talismãs fabricados pelos marabus, por exemplo, eram vistos pelos viajantes e missionários europeus como provas cabais de idolatria. Sincretismos muçulmano-africanos também eram condenados pelos olhares europeus e, com Froger, não foi diferente: ele relatou, com ar de desaprovação, o costume de usar *gris-gris* até mesmo por adeptos do Islã na Senegâmbia. Estas “bolsas de couro”, amarradas nos colarinhos, braços, pernas e cabelos, eram preparadas pelos marabus e entregues aos fieis para fins de proteção – por exemplo, contra investidas de animais peçonhentos e ferozes. Froger também registrou o costume difundido de guardar “passagens do Alcorão” dentro destes amuletos (FROGER, 1698, p. 18).

Na Alta Guiné, como observou a historiadora Vanicléia S. Santos (2008, p. 133 e 129), os marabus – como outros adivinhos, curadores e herbolários locais: jambacouces, bexerins, cacizes etc. – “faziam amuletos para proteger contra feitiços” porque se incumbiam da manutenção do equilíbrio comunitário. Além de atuarem como protetores (confeccionando bolsas de mandinga), os marabus se desdobravam em curandeiros (“tirando” feitiços”) e juízes (condenando os feiticeiros descobertos). Eles também guardavam as caravanas comerciais: enquanto alguns membros do grupo “andavam fortemente armados, o marabu levava apenas amuletos para proteger a todos” (SANTOS, 2008, p. 27).

Os povos do rio Gâmbia não eram mais bem quistos por Froger do que os de Gorée – embora o grande comércio praticado neste rio, para ele (1698, p. 44), tenha tornado os povos mais educados e, conseqüentemente, “maometanos muito melhores.” Dali para o interior, Froger (1698, p. 45) – valendo-se de informantes portugueses não identificados – diz que o pouco comércio que tem os negros faz deles “completamente selvagens”, havendo quem, entre eles, se gabe de ser “grande feiticeiro.” Os mesmos informantes relataram a ele (1698, p. 45-46) que estes negros do interior da

¹⁴³ Froger se refere aos holocaustos judaicos do Antigo Testamento, que eram ofertados à Javé durante a Páscoa (Números 19-23).

Senegâmbia tinham o costume de sacrificar escravos e esposas dos reis falecidos para que eles os servissem no outro mundo.

O antropólogo Luís Nicolau Parés (2016, p. 79) assinalou que este costume também era verificado na Costa da Guiné (Aladán, Daomé e Costa do Ouro), onde as esposas prediletas e criados (escravos) eram enterrados vivos, sendo “os sacrifícios humanos [um] privilégio real e, enquanto tal, tinham uma função política.” Vanicléia S. Santos (2008, p. 192) acrescenta que “algumas pessoas se ofereciam para servir ao rei na outra vida, e eram enterradas com cavalos, joias e demais coisas importantes para o rei no outro mundo.” O enterro de objetos (fétiches) com o morto também era observado na Costa da Guiné (Uidá) se o morto fosse importante. A feitura de sacrifícios animais para a viagem do morto ao outro mundo era um hábito tanto na Alta e quanto na Baixa Guiné. Vacas, cabras, galinhas e cachorros – além de pessoas, como foi dito, no caso de morte de soberanos – eram ofertados para a “boa viagem” do falecido ao mundo dos mortos (SANTOS, 2008, p. 49).

Por fim, a tradução a seguir inclui poucas notas sobre o balafo, instrumento senegalês análogo ao xilofone, composto de teclas de madeiras acionadas com baquetas, cujo som se projeta por cabaças de diferentes tamanhos acopladas abaixo das teclas (ver desenho de FROGER, 1698, p. 46). A tradição oral mandinga atribui ao rei-feiticeiro sosoe Sumaoro Kante¹⁴⁴ a invenção do balafo em fins do século XII. Embora Froger não mencione, o balafo era utilizado em contextos cerimoniais – incluindo os religiosos – pelos *griots*.

Tradução

/ [p. 17] / 4. léguas de Gorée, até ao extremo sul do Senegal

O Norte é habitado por mouros, que vêm dos desertos de Saara em caravanas e que se dedicam ao comércio de goma com que carregam os seus camelos; trazem também cavalos berberes, que os negros traficarão para as profundezas da Guiné; O Rei de Houmel tem 400 ou 500 para a sua Guarda, e quando quer fazer a guerra pode colocar até 6000 a pé, sendo todos obrigados a marchar para a reserva dos Marabu, que são os seus Sacerdotes, e que ficam com as mulheres para fazerem orações pelo sucesso das armas do rei.

¹⁴⁴ Figura lendária que, segundo os *griots*, foi derrotada em fins do século XII por Sudiata Keita, fundador do Império do Mali (NIANE, 2010, p. 142).

Os Marabu são em grande número; cada um deles tem várias esposas; oram a Deus cinco / [p. 18] / vezes ao dia: mas principalmente à meia-noite, ao nascer e ao pôr do sol, e antes das orações lavam todo o corpo várias vezes; eles escrevem e falam árabe, assim como nós fazemos com o latim.

Religião

A maioria dos negros não tem religião e vive nas florestas com os despojos que recebe dos transeuntes. Aqueles que têm alguma crença seguem uma seita muito corrupta de Maomé; Usam nos colarinhos, nos braços, nas pernas e até amarram nos cabelos pequenas bolsas de couro que chamam de Gris-gris, onde guardam passagens do Alcorão, que o Marabu lhes deu para protegê-los das feras venenosas e alguns tipos de lesões (superstição abominável de que também observam nos cavalos que eles levam à guerra). Eles circuncidam seus / [p. 19] / filhos: mas isso só acontece aos 12 ou 13 anos. O dia de sábado deles é segunda-feira; eles não trabalham e só comem uma refeição naquele dia. Eles não têm nenhum festival significativo além do Tabaské que chega no mês de junho, e para celebrar este Festival (para o qual se preparam um mês antes por consecutivos jovens em abstinência de suas esposas) eles se reúnem em uma grande planície para dizer suas orações e se reconciliarem com seus inimigos; cada um traz uma cabra, um bezerro ou outro animal semelhante, que o Marabu, vestido com uma espécie de sobrepeliz de tanga branca, sacrifica a Maomé. Depois da Festa, que dura até a noite, todos levam a sua vítima para fazer um banquete solene com a família: o que tem muito a ver com a Páscoa da antiga Lei.

/ [p. 20] / Enterros

Quando um dos mandantes morre, o Marabu o embalsama e o expõe em uma casa, onde as mulheres do bairro se reúnem por vários dias para pranteá-lo; Terminadas essas lágrimas, que duram mais ou menos dependendo da qualidade do falecido, o Marabu o enterra em tanga e o sepulta; e é por isso que os verdadeiros amigos dos falecidos se orgulham de se esfaquearem para demonstrar sua afeição: o que eles fazem cegamente contra as defesas da sua Lei e da sua Religião. Isto é tudo o que vi e pude aprender desta Costa, que me pareceu muito semelhante.

/ [p. 44] / Partida para Gâmbia

[...] O grande comércio que se realiza neste rio tornou o seu povo muito mais educado do que o de Gorée; eles tornam os maometanos muito melhores e todos demonstram grande respeito por

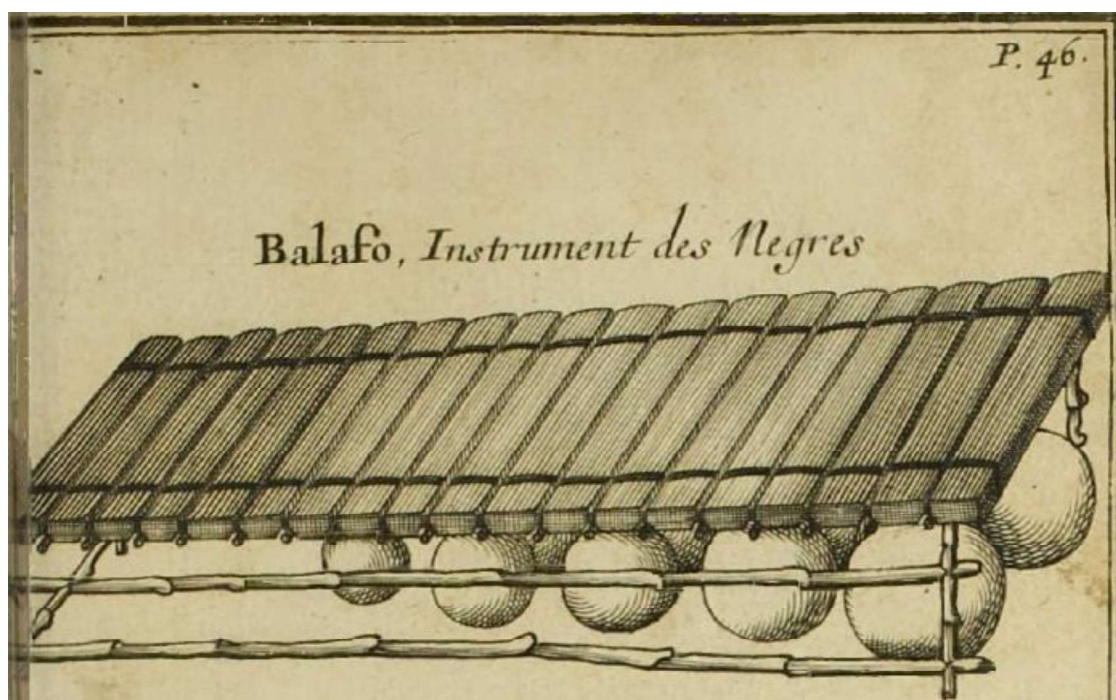
aqueles que os comandam; Eles só se aproximam deles com um joelho / [p. 45] / no chão e jogam areia em suas cabeças como sinal de submissão.

Suas cabanas são limpas e bem construídas; são feitas de uma terra gordurosa e aglutinante que endurece facilmente; estão cobertas de folhas de palmeira tão bem arrançadas que a chuva e o calor do Sol não conseguem penetrá-las; sua fachada é redonda e não podemos comparar melhor o aspecto do seu cume do que com o das nossas geleiras. A maioria dos negros se diverte ali meditando sobre o Alcorão ou tocando um instrumento que chamam de Balafo, enquanto suas esposas cultivam a terra.



Instrumento Balafo

O Balafo nada mais é do que um arranjo de réguas feitas de madeira muito dura, que vão diminuindo gradativamente de comprimento, e que são unidas por tiras de couro muito finas. Essas mesmas correias passam em torno de pequenos bastões redondos, que são colocados entre cada uma dessas réguas para deixar um pequeno intervalo. Este Instrumento tem neste aspecto uma ligação com um dos nossos: mas o dos Negros é muito mais composto, nisso que eles anexam até dez ou doze cabaças por baixo, cujos diferentes tamanhos têm o mesmo efeito dos tubos de órgão. É tocado com baquetas cuja cabeça é revestida de couro, para tornar o som menos áspero.



Os portugueses disseram-nos que os negros que avançam para o interior e com quem têm pouco comércio são completamente selvagens, gabam-se de serem grandes feiticeiros e têm pouca religião; que quando um rei morre, ou alguém dos principais, eles o colocam em uma nova casa, matam sua esposa favorita e um certo número de escravos para servi-lo no outro mundo; e que finalmente, depois de terem feito algumas / [p. 46] / orações e de terem colocado comida e tabaco nesta cabana por um tempo bastante considerável, eles a cobriram com terra.

Referências bibliográficas

BARRY, Boubacar. A Senegâmbia do século XVI ao XVIII: a evolução dos Wolofes, dos Sereres e dos Tucolores. In: OGOT, Bethwell Allan (Ed.). **História Geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 313-355.

COTTIAS Myriam; CUNIN, Elisabeth; MENDES, António de Almeida. **Les Traites et les esclavages. Perspectives historiques et contemporaines**. Paris: Karthala Editions, 2010.

EL FASI, Mohamed. O Marrocos. In: OGOT, Bethwell Allan (Ed.). **História Geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 241-277.

HALL, Gwedolyn Midlo. **Africans in Colonial Louisiana. The development of Afro-Creole culture in the Eighteenth Century**. Louisiana State University Press, 1995.

MARTÍNEZ, Carolina. Un discurso legítimo a partir de lo leído y lo vivido: Apuntes sobre un viajero francés en los contornos de América meridional (s. XVIII). **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 38, n. 78, p. 761-790, set/dez 2022.

NIANE, Djibril Tamsir. O Mali e a segunda expansão manden. In: NIANE, Djibril Tamsir (ed.). **História Geral da África, IV: África do século XII ao XVI**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 133-192.

PARÉS, Luis Nicolau. **O rei, o pai e a morte: a religião vodum na antiga Costa dos Escravos na África Ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PAREDES, Rogelio C. Relatos imperiais: a literatura de viagem entre a política e a ciência na Espanha, França e Inglaterra (1680-1780). **Almanack**, Guarulhos, n. 6, p. 95-109, 2º semestre de 2013.

PRITCHARD, James. The French West Indies during the Nine Years War, 1688-1697: A Review and Reappraisal. **French Colonial History**, v. 2, p. 45-59, 2002.

SANTOS, Vanicléia Silva. **As bolsas de mandinga no espaço Atlântico: Século XVIII**. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.